

BENEDICTO MONTEIRO: ROMANCE, POESIA, RESISTÊNCIA E IDENTIDADES AMAZÔNICAS

Benedicto Wilfredo Monteiro (1924/2008), nascido em Alenquer, Pará, Amazônia, foi homem de variados ofícios, bacharel em Ciências Jurídicas pela antiga Universidade do Brasil, atual UFRJ, promotor de justiça, secretário de Estado, político, militante pela reforma agrária, Benedicto se destacou como escritor de poemas, contos e romances, entre outros gêneros textuais, pertenceu a várias entidades literárias, como a Academia Paraense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Entre suas escrituras, salienta-se a tetralogia do romance amazônico, composta por *VerdeVagomundo* (1972), *O Minossauro* (1975), *A Terceira Margem* (1983) e *Aquele Um* (1985). Estudado no Brasil e no exterior, sua obra literária é reconhecida como um exemplar da ficção contextual amazônica e que faz jus a um exímio artista da palavra.

Benedicto Monteiro foi publicado por diversas editoras brasileiras, hoje tem seu trabalho reeditado pela Imprensa Oficial do Pará/Editora Pública Dalcídio Jurandir. Em 2024, celebra-se o centenário do autor alenquerense e em comemoração alguns eventos foram realizados para marcar a data. A Universidade do Estado do Pará (UEPA) Centro de Ciências Sociais e Educação, organizou através do grupo de pesquisa Sociedade, Ciência e Ideologia (SOCID) programação de palestras e debates com a presença da poeta Wanda Monteiro, filha do autor, e relançamento de obras. A Fundação Cultural do Pará (FCP), realizou programação na Biblioteca Arthur Vianna, com exposição, workshop para professores, palestras com Abílio Pacheco, Fátima Nascimento e Wanda Monteiro, já citada, performance do poeta Juraci Siqueira e música de Andréa Pinheiro. No Museu de Arte Sacra, a Exposição na Galeria Fidanza, com curadoria do Sistema de Museus e Memoriais (SIMM/Secult). A Defensoria Pública do Estado Pará, criada por Benedicto Monteiro, entre outras instituições, incluindo escolas estaduais e municipais, também participaram das homenagens, que, além de demonstrar a qualidade estético-social de seu trabalho, também significa reavivar a tinta da memória para lembrar que, em 2024, completou-se sessenta anos do golpe civil-militar no país, que após romper com a

democracia instituiu um regime de exceção, uma ditadura que perdurou por mais de vinte anos no Brasil, “página infeliz da nossa história” sofrida por Benedicto e tantos homens, mulheres e crianças que viverem a suspensão daquilo que chamamos de estado democrático de direito, além da truculência, violência do estado brasileiro àqueles que se opunham ao regime.

E na intenção de celebrar e rememorar Bené, como também era conhecido, a Revista Sentidos da Cultura compartilha o Dossiê intitulado **Benedicto Monteiro: romance, poesia, resistência e identidades amazônicas**, ANO 11, V. 21/2024. Uma vez que esta edição estuda um autor contemporâneo da Amazônia, o número conta, especialmente, com a colaboração de professores pesquisadores de Instituições de Ensino Superior do Pará, e tem a composição de seis produções ensaísticas e duas entrevistas. Os textos versam sobre a obra do ‘pai’ de Miguel dos Santos Prazeres, o “cabra da peste”, a **Voz indomável**, inclusive título do primeiro artigo, que atravessa a “ressonância do tempo, suas claridades, seus escuros, seu grito e seu silêncio”. Texto que nos traz o presente de mergulhar nos rios da memória de Wanda Monteiro.

Inicia-se em então um percurso entre estudos que refletem muitas nuances possíveis na escrita do autor, como no texto **As Amazônias como territorialidades de enunciações na tetralogia amazônica** traz inquietante reflexão sobre como Benedicto Monteiro, de forma lúcida e contundente nos revela pela sua ficção a violência colonial forjada para Amazônia pelo colonizador e entender o processo de invisibilização do território e cultura amazônida.

Adentramos o universo de Miguel, acompanhados do terçado 128, a canoa e a cachaça avançamos para o texto, **A magia dos objetos na narrativa de Benedicto Monteiro**, a partir de observações sobre o épico, o artigo traz em diálogo elementos mágicos utilizados por nosso herói, Miguel dos Santos Prazeres. Já no estudo **Cartas de Zuleika no Minossauro de Benedicto Monteiro - violação dos Direitos Humanos na ditadura militar pós-1964 na Amazônia brasileira**, conhecemos Zuleika, que escreve cartas para seu noivo Roberto, em um momento em que no Brasil, para muitos só é possível a escrita por códigos com tinta feita de silenciamento. Este texto, suscita de forma instigante, lembrarmos que ainda hoje, é preciso estar vigilante ao fantasma que ronda a democracia.

No artigo **A simbologia da fé amazônica em “O peixe” de Benedicto Monteiro**, é apresentado e discutido o projeto narrativo do autor que é imerso nas vivências ribeirinhas amazônidas e suas relações de subsistência e fé, a partir do regimento da natureza, temática sempre presente na escrita do autor, que relaciona os saberes e processos educativos não formais na tetralogia de Benedicto, como é possível apreciar no estudo **A memória da Amazônia sob o**

olhar de Miguel dos Santos Prazeres, de Benedicto Monteiro, que pela rememoração trazida por Miguel, personagem principal na ficção monteiriana.

Ainda neste dossiê, temos acesso a duas entrevistas, a primeira realizada no ano de 1999, intitulada **O Verde Mundo de Benedicto Monteiro** apresenta a rotina, projetos e memórias, vida e escritura, do autor Benedicto Monteiro. **Memórias de Belém em testemunho do escritor Benedicto Monteiro**, a segunda nos leva para a pesquisa *Memórias de Belém em Testemunho de Artistas* (2005-2006) coordenada e executada por professores e discentes do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas da Universidade do Estado do Pará- CUMA/UEPA. Nesta entrevista, Benedicto comenta sobre seu processo como escritor, sua inserção à política, sua prisão durante a ditadura e sua opinião sobre questões de diversos assuntos como incentivo à cultura.

Para além, na seção pós artigos, em **Retratos, Refigurações e Poesia de Benedicto Monteiro** encontram-se poemas do autor e alguns registros fotográficos, reportagens, material didático, gentilmente, cedidos pela família Monteiro. Em oportunidade, agradecemos de forma especial à poeta Wanda Monteiro, pela cessão dos arquivos que compõem nossa revista.

Por fim, o próprio Miguel dos Santos Prazeres, vindo de *Como se faz um guerrilheiro*, se achega para o convite à leitura, “vou contar a minha história, mas por viagens. Depois que larguei minha canoa jita, perdi todo o mundo na linha d’água. Pro senhor que me ouve hoje, pode parecer uma extravagância de memória. Mas, para mim, foi um salto muito grande nos rumos das distâncias” (Monteiro, 1995, p. 5).

Vamos embarcar na canoa de Miguel? Ou será de Bené?

Cordialmente,

os editores.

Josebel Akel Fares
Paulo Jorge Martins Nunes
Marcia Daniele dos Santos Lobato